Letras

Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras
Universidade Federal de Santa Maria

n. 74

Letras, v. 35, n. 74, e95691, 2026 - DOI:10.5902/2176148595691- ISSN 2176-1485
Submissão: 10/03/2026 Aprovação: 12/06/2026 Publicação: 04/11/2026

Artigos

Perspectivas críticas para os estudos dos Quadrinhos

À sombra da alquimia: uma análise do personagem Raimundo Flamel na adaptação quadrinística de A Nova Califórnia, de Lima Barreto

In the shadow of alchemy: an analysis of the character Raimundo Flamel in the comic book adaptation of Lima Barreto's A Nova Califórnia (The New California)

Bruno Santos Melo[I*]

Maria Clara Tavares da Silva[I]

Rosimere Quirino da Silva[I]

Resumo: Neste artigo analisamos a construção do personagem Raimundo Flamel, na adaptação em quadrinhos do emblemático conto "A Nova Califórnia", do autor brasileiro Lima Barreto. Nossa metodologia trata-se de uma pesquisa qualitativa e descritiva de cunho analítico, fundamentada nos estudos intermidiáticos e na análise dos recursos multissemióticos. O objetivo concentrou-se no mapeamento e interpretação dos elementos verbo-visuais, tais como enquadramentos, expressões faciais (anatomia expressiva), uso de cores (paleta cromática) e recordatórios que estruturam a caracterização do protagonista no processo de transposição do texto literário para a narrativa gráfica. A HQ, que tem dupla autoria de Ricardo S. Vilachã, responsável tanto pelo roteiro quanto pelas ilustrações, ao se apresentar como adaptação, expande o tradicional texto literário a partir da presença da linguagem verbo-visual, corroborando uma série de sentidos para além do texto verbal. Observamos, assim, que o quadrinho aprofunda a complexidade do personagem protagonista e, através dos recursos multissemióticos próprios da linguagem quadrinística, se aproxima de forma mais amistosa de muitos jovens leitores. As reflexões de estudiosos como Ramos (2009), Pessoa (2016), Hutcheon (2013) entre outros, subsidiam e embasam teoricamente as nossas discussões.

Palavras-chave: A Nova Califórnia; Lima Barreto; Ricardo Vilachã; Adaptação; Literatura brasileira

Abstract: In this article, we analyze the construction of the character Raimundo Flamel in the comic book adaptation of the iconic short story "A Nova Califórnia" (The New California) by Brazilian author Lima Barreto. Our methodology consists of qualitative and descriptive research with an analytical focus, grounded in intermedia studies and the analysis of multisemiotic resources. The objective focused on mapping and interpreting verbal-visual elements, such as framing, facial expressions (expressive anatomy), use of colors (color palette), and narrative captions that structure the characterization of the protagonist in the process of transposing the literary text into a graphic narrative. The comic book, solely authored by Ricardo S. Vilachã, who is responsible for both the script and the illustrations, presents itself as an adaptation and expands the traditional literary text through the presence of verbal-visual language, corroborating a range of meanings beyond the verbal text. We observe, thus, that the comic deepens the complexity of the protagonist and, through the multisemiotic resources inherent to the language of comics, approaches many young readers in a more accessible way. The

[I] Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB, Brasil
[*] Autor correspondente – bsantosletras@gmail.com

Artigo publicado por Letras sob uma licença CC BY-NC 4.0.

insights of scholars such as Ramos (2009), Pessoa (2016), Hutcheon (2013), and others provide theoretical support and grounding for our discussions.

Keywords: A Nova Califórnia; Lima Barreto; Ricardo Vilachã; Adaptation; Brazilian literature

INTRODUÇÃO

A conexão entre literatura e intermidialidade é ampla e complexa, já que ambas expressões artísticas abordam temas universais e frequentemente interagem reciprocamente. No entanto, por mais que essas artes e mídias se inter-relacionem, devem ser lidas de forma não interdependentes. A HQ que é *corpus* deste artigo teve seu conteúdo inspirado em um texto considerado um clássico da literatura brasileira, porém a adaptação traz uma nova maneira de ler e interpretar o "texto adaptado" (Hutcheon, 2013). Temos, portanto, uma obra que não é apenas verbal, mas também visual, nos fazendo considerar que:

> O ambiente, por exemplo, não é descrito por palavras apenas, é proposto ao leitor por uma fusão de cores e traços, com forte influência do foco narrativo. O tempo, nos quadrinhos, é representado tanto por linhas cinéticas, como por cores e, principalmente, pela dimensão e organização das vinhetas (quadros) (Pina, 2014, p. 37-38).

Dessa forma, neste artigo analisamos o personagem Raimundo Flamel, protagonista do conto "A Nova Califórnia". Percebemos que a linguagem quadrinística potencializa o texto verbal já posto como canônico, de modo que os elementos gráficos que compõem a estrutura da história dão um novo tom ao personagem. O foco da análise está voltado à forma como ele é representado, associando-o às cores e aos elementos ilustrativos que ajudam a concebê-lo como um prenúncio da morte, tentando alcançar seus significados a partir dos aspectos visuais, que fogem da construção de um imaginário postulado pela literatura, permitindo uma (re)interpretação por meio do fazer quadrinístico.

"A Nova Califórnia" em HQ, de Francisco S. Vilachã (1995) e publicada pela Escala Educacional, é uma adaptação do conto satírico homônimo de Lima Barreto, que desvenda a pacata cidade de Tubiacanga, um local onde a chegada do misterioso químico Raimundo Flamel desencadeia um alvoroço. Flamel anuncia a descoberta de uma substância capaz de transmutar ossos humanos em ouro, gerando tanto fascínio quanto apreensão na comunidade. Essa novidade provoca especulações sobre a verdadeira natureza do recém-chegado, dividindo os moradores entre aqueles que o veem como um sábio e outros que o consideram um charlatão. O impacto dessa descoberta transforma profundamente a localidade a partir dos aspectos sociais, éticos e morais. A adaptação dessa história permite observações que o texto literário não incita diretamente, como ao destacar as expressões

desse personagem que intriga não só os moradores da pequena cidade, mas também os leitores. Enquanto a literatura sugere, a HQ mostra.

O título da obra, "A Nova Califórnia", evoca diretamente a febre do ouro e a busca desenfreada por riquezas. A adaptação traz de forma chocante o evento de profanação de sepulturas, em que a cidade, em sua ânsia por ouro, se transforma em um espetáculo mórbido e grotesco. Moradores invadem cemitérios em busca de ossos, acreditando que podem ser convertidos em metal precioso. Essa busca desenfreada culmina em conflitos sociais e brigas acirradas, dilacerando a moralidade e convertendo a luta pela sobrevivência em um carnaval de excessos e tragédias, elementos que são potencializados pela linguagem quadrinística.

LIMA BARRETO E O PRÉ-MODERNISMO: UMA LEITURA HISTÓRICO-LITERÁRIA DO CONTO "A NOVA CALIFÓRNIA"

A obra foi produzida no início do século XX, especificamente em 1910, em um período de transição no Brasil que foi marcado pela crescente urbanização e desenvolvimento das cidades, pela migração do campo para a cidade e pela industrialização. O conto reflete essa transformação social e cultural, apresentando como o progresso pode gerar tanto esperança quanto caos. A urbanização brasileira da época estava intrinsecamente ligada à migração para os centros urbanos em busca de melhores condições de vida e emprego. A pequena Tubiacanga, com sua vida provinciana, espelha a resistência de algumas comunidades às mudanças inerentes à modernidade. Os personagens de Lima Barreto personificam a dualidade entre progresso e tradição, seus medos e incertezas ilustram um povo que, diante do novo, se vê por vezes à mercê do desconhecido e de superstições.

A obra também aborda a hesitação em relação à ciência, um tema já presente em autores como Edgar Allan Poe e em contos fantásticos franceses. No contexto modernista latino-americano, essa linha entre o científico e o oculto torna-se tênue. Chaffin (2021) aponta para a influência de autores como Julio Verne e H.G. Wells na adaptação dessa temática na América Latina, resultando na criação ficcional de figuras impostoras ou com poderes descontrolados, infundindo ironia e humor ao gênero. Ao incorporar o ocultismo, Lima Barreto subverte a imagem idealizada da convicção científica positivista.

No início do século XX, o Brasil e o mundo passavam por um período de profundas transformações. Nacionalmente, observou-se a transição da República Velha, caracterizada pela política do "café com leite" que concentrava o poder nas mãos das elites paulistas e mineiras, para a Era Vargas. Diante desse cenário, artistas e intelectuais da época começaram a voltar seu olhar para a realidade brasileira. Essa aproximação com o cotidiano nacional incentivou a busca por uma linguagem mais acessível e próxima do falar popular,

resultando na criação de obras literárias com forte teor social. Paralelamente, na Europa, os movimentos de vanguarda, como o expressionismo, cubismo, futurismo, dadaísmo e surrealismo, já sinalizavam inovações estéticas e conceituais. Essas correntes anunciavam um novo mundo em efervescência, cujo reflexo se consolidava no Brasil com o Modernismo, a partir da Semana de Arte Moderna de 1922.

Nesse contexto, os escritores pré-modernistas adotaram uma postura mais crítica em relação à sociedade e aos modelos literários anteriores. Lima Barreto destaca-se nesse grupo, cujas obras frequentemente exploravam temáticas sociais e a busca por uma identidade nacional. Sua escrita reflete o cotidiano, questões sociais e a luta de classes, com personagens que enfrentam injustiças e desigualdades. Barreto mescla o popular e o erudito em sua linguagem, demonstrando a pluralidade da sociedade brasileira, se distanciando do nacionalismo ufanista e criticando o positivismo, buscando representações mais autênticas do Brasil.

Em “A Nova Califórnia” essas características são percebidas a partir do desvelamento da hipocrisia e do fanatismo de uma sociedade que, em vez de se adaptar ao novo, sucumbe aos seus medos, expondo suas piores facetas humanas. O desenrolar da história apresenta um vívido retrato das ambições e degradações morais que surgem em tempos de transformação. Lima Barreto, através de suas obras, transcende a mera narração de eventos em uma cidade em mutação. Ele instiga o leitor a ponderar sobre a essência humana e as intrincadas dinâmicas sociais em um Brasil que se debate entre a busca por sua identidade e os impulsos da modernização.

Como um mestre da crítica social, exemplifica em “A Nova Califórnia” sua habilidade de satirizar a ganância humana. A obra expõe a corrupção que emerge com a riqueza súbita, a superficialidade nas relações sociais e a gritante inversão de valores. Tubiacanga, outrora um lugar sereno, degenera em um cenário de disputas e falsidades, refletindo a degradação moral e social da humanidade diante da ganância. A cidade e seus habitantes tornam-se um espelho que revela os piores aspectos do ser humano.

Antes da descoberta de Flamel, os habitantes de Tubiacanga são descritos como pessoas de vida simples, desprovidas de grandes ambições e imersas na rotina da pequena cidade. No entanto, a perspectiva da riqueza fácil os expõe a um comportamento predatório. Rapidamente, abdicam da moralidade, da ética e das boas relações em prol da busca por mais ouro. Embora tentem manter uma fachada de civilidade, suas ações são marcadas pela mesquinhez, inveja e violência. A narrativa demonstra a falta de compreensão sobre as verdadeiras consequências de seus atos e a futilidade de uma riqueza desprovida de valores.

A busca incessante pelo ouro resulta em brigas, assassinatos e uma completa desordem social. Lima Barreto, criticado por questões formais em sua própria escrita, utiliza

de algumas passagens para questionar os adeptos do que ele chamou de "gramatiquice nacional", argumentando que os gramáticos tinham uma visão restrita da língua e promoviam um patriotismo superficial que não representava a diversidade do Brasil.

A trama de "A Nova Califórnia" revela uma mudança radical nas prioridades da comunidade de Tubiacanga. Inicialmente indignados com o roubo de ossos, os moradores rapidamente abandonam seus princípios morais ao vislumbrarem a possibilidade de riqueza. O carteiro vê na situação uma forma de custear a educação do filho, o escrivão planeja cercar sua propriedade e o sitiante imagina o pasto ideal para seus bois. A ânsia por satisfazer necessidades pessoais e financeiras suplanta a ética, impulsionando a população, como um só corpo, em direção à casa do farmacêutico. O texto expõe a hipocrisia reinante em Tubiacanga, onde os interesses individuais se sobrepõem à moralidade.

OS ESTUDOS INTERMIDIÁTICOS: UM DIÁLOGO ENTRE A LITERATURA BRASILEIRA E AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

O conceito de Intermidialidade não é novo. De acordo com Müller (2010), ele está centrado nos estudos midiáticos, nas dinâmicas intertextuais e no desenvolvimento das interartes. Dessa forma, a percepção sobre os estudos intermidiáticos contempla todos os tipos de inter-relações e os entrelaces entre diferentes mídias, entendidas, de modo geral, como construções com fins comunicacionais que se atualizam e inovam de acordo com o seu público e época.

Comumente associa-se às adaptações uma ideia de necessidade de fidelidade irrestrita à obra original, mas Linda Hutcheon (2013) aponta que devemos encará-la como uma obra autônoma. Por mais que tenha ligação com uma outra obra, ela é, em si, um outro texto, desprendendo-se de qualquer tipo de pacto de fidelidade. A adaptação recupera a referência do texto adaptado, mas o recria e o ressignifica, pois

> [...] a adaptação é uma transposição anunciada e extensiva de uma ou mais obras em particular. Essa "transcodificação" pode envolver uma mudança de mídia (de um poema para um filme) ou gênero (de um épico para um romance), ou uma mudança de foco e, portanto, de contexto: recontar a mesma história de um ponto de vista diferente, por exemplo, pode criar uma interpretação visivelmente distinta (Hutcheon, 2013, p. 29).

Pensando nessa transposição de uma obra reconhecível, com uma forte intertextualidade, mas ao mesmo tempo original em termos de interpretação e originalidade, "a adaptação é uma derivação que não é derivativa, uma segunda obra que não é secundária - ela é a sua própria coisa palimpséstica" (Hutcheon, 2013, p.30). Assim, perpassa por diferentes mídias, como filmes, músicas, peças teatrais, jogos de *videogames* e histórias em quadrinhos.

Diante disso, é comum relacionar literatura e HQs e enxergá-las como subgênero da literatura. No entanto, a nona arte é autônoma (Ramos, 2009), com uma grande potencialidade de expressão artística e imagética, que, por meio da linguagem verbo-visual, permite que narrativas já postuladas tenham, através das adaptações, novas interpretações. É uma transposição que utiliza da referência e a transforma.

As HQs são autônomas sobretudo por constituírem para si uma linguagem própria, através de elementos muito específicos para representar a narrativa (balão, requadro, onomatopeias, calhas etc.), pois "dialogam com recursos da ilustração, caricatura, pintura, da fotografia, da parte gráfica, da música e da poesia (trabalhadas por ele de forma integrada), da narrativa, do teatro e do cinema" (Ramos, 2009, p. 18). Ao adaptar uma obra literária e transpô-la para uma história em quadrinhos, há espaço para (re)interpretação da trama através da linguagem quadrinística, ao passo que

> O espaço da ação é contido no interior de um quadrinho. O tempo da narrativa avança por meio da comparação entre o quadrinho anterior e o seguinte ou é condensado em uma única cena. O personagem pode ser visualizado e o que ele fala é lido em balões, que simulam o discurso direto (Ramos, 2009, p. 18).

Nesse sentido, quadrinhos e literatura são artes diferentes, com características próprias. Para Ramos (2009), ao tentar inserir as HQs no campo da literatura, muitas vezes relega-se um lugar depreciativo e inferior, levando à associação a um tipo de leitura para o público infantil ou que infantiliza os adultos (Eisner, 2010). É relevante pontuar essa distinção sobretudo ao tratarmos da adaptação dos clássicos da literatura para quadrinhos, a fim de percebê-los como outras obras, que recorrem à literatura sem se encerrar nela.

De acordo com Pina (2014), a ideia de adaptar clássicos pode ser vista de forma equivocada por alguns leitores, que enxergam nesse processo uma substituição do texto literário por uma leitura "mais fácil". Ao analisarmos a adaptação "A nova Califórnia" em história em quadrinhos, não há a intenção de substituição, mas de perceber os sentidos presentes na HQ como um meio inclusive de aproximar o jovem leitor de obras canônicas da literatura brasileira e que possuem seu teor de dificuldade.

O quadrinho tende a capturar a atenção do leitor mais facilmente sobretudo pela disposição das imagens, cores, traços e os balões que constituem a linguagem quadrinística, tornando possível uma leitura verbo-visual através das expressões e dos gestos dos personagens, bem como sua disposição com as ambientações.

ENTRE A ALQUIMIA E O MISTICISMO: UMA ANÁLISE DO PERSONAGEM RAIMUNDO FLAMEL NA HQ "A NOVA CALIFÓRNIA"

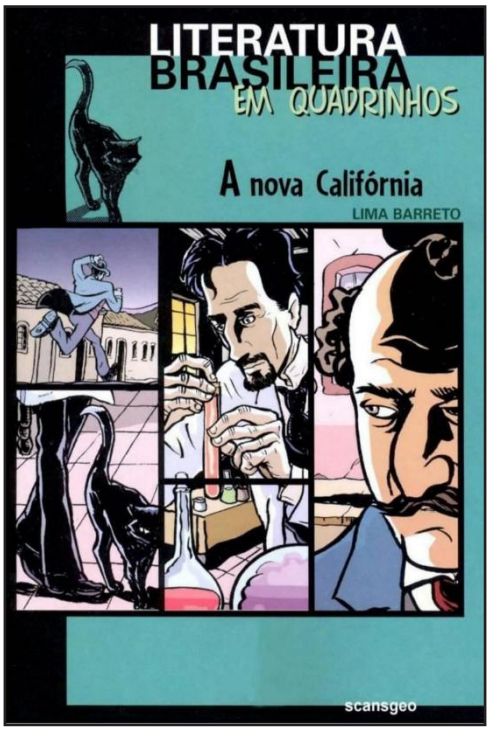
Na transposição do conto de Lima Barreto para uma HQ há a alteração na forma de nos conectar a esse enredo. Enquanto as obras da literatura clássica brasileira são tidas como capazes de nos levar a reflexões profundas, mas que por muitas vezes não alcança um público mais jovem, essa adaptação possibilita uma leitura mais expansiva através dos elementos visuais, o que acaba abrangendo um maior público leitor da obra.

O que mais se destaca na HQ é como os personagens são construídos visualmente, e chamamos a atenção para um em específico: Raimundo Flamel, que é apresentado aos leitores logo na capa do quadrinho. O personagem aparece representado como um homem magro, com cabelos pretos, um rosto ossudo e com algumas sombras. Sua expressão séria e enigmática, com seu traço distintivo de barba e bigode finos e escuros e os seus dedos um tanto longos, trazem uma estranheza, tornando sua personificação grotesca.

Sendo assim, essa construção visual corrobora a tese de Pessoa (2016, p. 42), ao afirmar que "o leitor pode saber quem são as personagens antes mesmo de ler a linguagem verbal. Nas histórias em quadrinhos a anatomia expressiva ressalta tonalidades, ações e personalidades". Dessa forma, essas características funcionam como ícones que estabelecem a composição gráfica, fazendo com que a HQ se diferencie da obra original, já que Lima Barreto não faz uma descrição física detalhada do personagem, ressaltando como a adaptação transcende o sentido da literatura por meio dos elementos visuais.

Percebemos que "[...] a representação pictórica tem como função não apenas arquitetar o mundo da narrativa, mas também descrevê-lo, e ao apresentá-lo, colocá-lo em contato com o possível receptor" (Sousa, 2017, p. 58). Assim, a vestimenta preta e um jaleco branco, além do manejo de tubos de ensaio utilizados para experimentos químicos, apontam para o entendimento de que aquele personagem se trata de um químico e/ou cientista. Nessa mesma perspectiva do discurso visual, "a postura do corpo e da expressão facial é responsável pela sustentabilidade da narrativa nas histórias em quadrinhos (Pessoa, 2016, p. 42-43). As cores presentes na capa também chamam a atenção, ao passo que o azul-esverdeado combinado com o fundo preto nos conduz a uma cena de mistério. Sousa (2017) aponta que a atmosfera de uma obra é fruto da "descrição gráfica", em que a encenação visual situa o mundo da narrativa em contato com o receptor. Contrastando as cores presentes na capa temos outro elemento que nos chama a atenção: o gato preto, que culturalmente é associado a mau presságio, como também à bruxaria, e observamos que o animal está relacionado com a figura do alquimista, inserindo o leitor em um universo misterioso e místico. Existe outro personagem na capa do quadrinho: o Capitão Pelino, que parece olhar com desconfiança e desagrado em direção a Raimundo Flamel.

Figura 1 – Capa do quadrinho



Fonte: Vilachã, F. S. **Literatura brasileira em quadrinhos**: A nova califórnia. Rio de Janeiro: Escala Educacional, 1995

Outro aspecto que ganha destaque é o fato da capa ser composta por recortes de passagens do próprio quadrinho. O primeiro quadro, que mostra um homem correndo de costas, localiza-se na página 6, momento em que um alarme ecoa por Tubiacanga acerca da figura de Raimundo Flamel. Vale ressaltar que as cores adicionadas a essa imagem e a forma como as partes da cidade são exibidas conferem um aspecto sombrio e misterioso à cena, como se algo terrível estivesse prestes a acontecer.

O segundo quadro transposto para a capa registra a primeira aparição de Flamel na narrativa, na página 3. Nele, chama a atenção a presença do gato preto, que percebemos como uma extensão do protagonista e do mistério que ronda suas intenções em Tubiacanga. Na terceira e quartas vinhetas, também da página 3, há a figura do alquimista, mas as imagens estão separadas por uma calha (sarjeta), o que pode ser interpretado como uma metáfora da dualidade que o personagem apresentará ao longo das histórias: o homem da ciência e sua face oculta pelas sombras.

O último quadro apresenta o personagem “Capitão Pelino”, que lança olhares de desconfiança ao alquimista na página 9. Na composição da capa, esse olhar permanece direcionado a Flamel. A presença de Pelino nesse espaço de destaque serve como uma espécie de alerta ao leitor, sugerindo a necessidade de cautela e atenção diante da natureza ambígua do alquimista, indicando que ele pode não ser o que aparenta.

O nome do personagem também chama a atenção, de modo que o primeiro nome (“Raimundo”) pode ser considerado comum, mas o sobrenome se destaca. “Flamel” faz uma clara referência ao alquimista Nicolas Flamel, que se associa à suposta criação de um elixir da longa vida e à transformação de metais em ouro. Os alquimistas como “Flamel” foram perseguidos pela inquisição e por pessoas ambiciosas, além de terem sido associados à prática de feitiçaria e rituais de magia negra, o que intensifica a dualidade do personagem em relação ao homem da ciência e do misticismo.

A figura do personagem remete a um facilitador da transformação na cidade de Tubiacanga, atuando como a força impulsionadora por trás de mudanças significativas. Sem sua genialidade e suas invenções, a cidade permaneceria estagnada em sua rotina tranquila. Porém, posteriormente ela parece entrar em mutação, sinalizando um prenúncio do progresso trazido por Flamel, dinâmica que vai muito além da mera transmutação física de ossos em ouro.

Paralelamente, a HQ, na condição de adaptação, também se apresenta ao leitor como um processo de transmutação midiática que mantém referências ao conto, embora inevitavelmente se distinga pela especificidade da linguagem quadrinística. O autor da HQ faz uma escolha interessante ao utilizar recordatórios com a narração original do conto; essa estratégia mantém o texto literário vivo ao mesmo tempo em que, por meio dos elementos gráficos, confere novos contornos à história apresentada por Lima Barreto, sobretudo porque

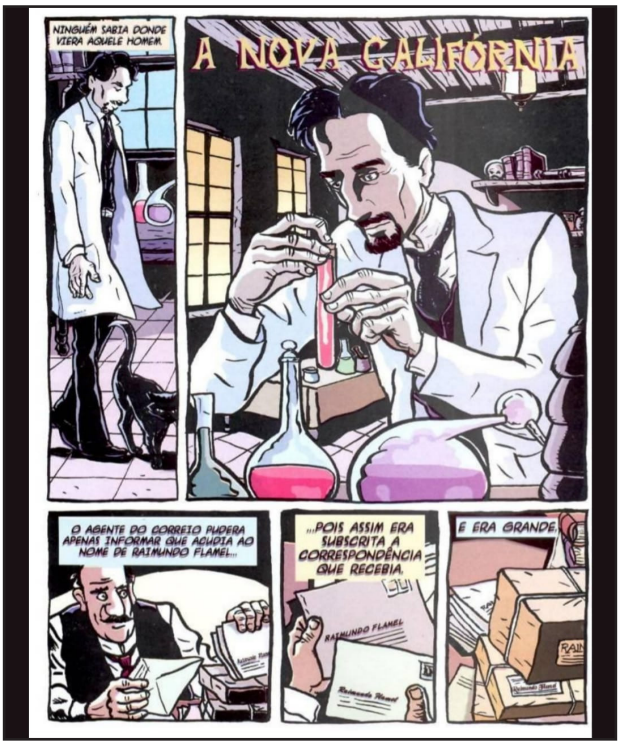
> A figura do escritor de histórias em quadrinhos muda radicalmente no processo de criação. Se antes ele tinha um conto para adaptar com imagens em sequência, agora ele precisa integrar diálogos sintéticos no balão de texto e ainda realizar a representação gestual e ambiental, dando autenticidade à história em quadrinhos (Pessoa, 2016, p.22).

Desse modo, por mais que o quadrinista recorra aos recordatórios, ou seja, à caixa de narração, mantendo uma certa fidelidade ao conto, ainda assim concebe sua própria versão, conforme veremos a seguir.

Na primeira e segunda vinheta em que aparece na figura 2, Flamel é o protagonista da capa, e seu rosto expressa concentração, enquanto se dedica a um experimento crucial. Ele encarna a figura de um alquimista, embora sua verdadeira identidade seja um tanto ambígua. Com sua mente brilhante, desencadeia uma sequência de eventos que mudam a trajetória da cidade, mas sua descoberta traz consigo efeitos catastróficos.

A construção imagética desse personagem no decorrer da obra é de suma importância, já que essa “construção se dá também por uma série de estratégias, como a repetição de características, atitudes, a relação que o personagem tem com o outro e com os elementos do texto” (Santos, 2019, p. 6), como percebemos na figura abaixo:

Figura 2 – Primeira aparição de Raimundo Flamel



Fonte: Vilachã, F. S. Literatura brasileira em quadrinhos: A nova califórnia. Rio de Janeiro: Escala Educacional, 1995, p. 3

As ilustrações frequentemente o mostram cercado por frascos, tubos de ensaio e outros instrumentos laboratoriais, além de um intrigante gato preto que o acompanha. Essa criatura parece ser mais do que apenas um animal de estimação, representando inclusive a astúcia e os aspectos ocultos de sua personalidade. Algo que se destaca fortemente é o fundo preto por trás do personagem, que pode ter significados diversos, como morte, mistério, luto e intrigas, remetendo a algo desconhecido e que suscita cuidado. Também se destaca no fundo, ao lado dos livros de Flamel, um crânio que aparenta ser infantil e traz uma perspectiva macabra e mórbida sobre o personagem.

Em contraste com o preto, o jaleco branco remete à imagem clássica do cientista, enquanto sua postura confiante sugere um intelecto superior, de modo que “essa seleção cromática polarizada – o preto como a reunião de todas as cores; o branco como a ausência de cores – traz uma simbologia específica: o bem e o mal entrelaçados em todas as situações” (Pina, 2014, p.41). No entanto, a complexidade de seu caráter se revela inclusive nas variações de suas expressões faciais.

O povo da cidade de Tubiacanga em determinado momento desconfia da figura misteriosa que chegou à cidade, e com base nos relatos do pedreiro, que é mostrado através da ilustração abaixo, conseguimos observar a dualidade entre ser o homem da ciência e uma figura mística:

Figura 3 – Associação de Raimundo Flamel ao diabo



Fonte: Vilachã, F. S. Literatura brasileira em quadrinhos: A nova califórnia. Rio de Janeiro: Escala Educacional, 1995, p. 5.

Mais uma vez, sua sala aparece lotada de vidrarias com experimentos, reforçando a ideia de que ele é um grande químico, mas existem elementos na ilustração que apontam para o lado místico do personagem. A construção imponente do forno se destaca, pois, em meio a tantas experiências inovadoras, o objeto parece inadequado ao ambiente, chamando a atenção para o caldeirão, que culturalmente está associado à feitiçaria, utilizado para rituais e possíveis transmutações, o que liga o personagem a certo misticismo.

Um outro elemento que chama atenção na cena é uma máscara embranquecida com o que aparenta ser uma sombra ou uma capa preta na parede próxima à janela. O formato da máscara com a sombra/capa preta lembra as vestimentas médicas utilizadas durante a peste bubônica, que ficou conhecida como a peste negra, que consistia em uma máscara em forma de um bico de pássaro e um sobretudo que cobria todo o corpo. O traje intensifica a aparição do personagem como um mal presságio, um prenúncio da morte, simbolizando essa aproximação de algo terrível, e essas representações acontecem a todo momento, com o crânio, o gato preto e a sombra escura que sempre aparece atrás do personagem, como se em todo o tempo tentasse mostrar que existe uma outra face, uma face obscura.

O farmacêutico, através do discurso, chama a atenção da cidade para o fato de estarem julgando o recém-chegado, mudando a forma como as pessoas enxergavam Raimundo Flamel. A partir disso, as interações da comunidade passaram a ser amistosas, mas suas expressões continuaram sombrias e cheias de segredos. A transição de um semblante sério para um sorriso tenso é evidente, especialmente em momentos que envolvem o farmacêutico. A paleta de cores utilizada para Flamel, composta por tons de marrom e cinza, acentua sua aura de mistério. Sua pele pálida contrasta com o jaleco branco e o cabelo escuro, realçando seus traços faciais.

O gato preto, um símbolo recorrente nas imagens, aparece em momentos-chave, como se estivesse sempre em vigilância. Na cena da capa, o gato se posiciona de forma a espiar por sobre o ombro de Flamel, evocando associações com o sobrenatural e a alquimia, temas que permeiam a narrativa. A representação do personagem nos quadros revela um ser multifacetado: é visto como um intelectual benevolente, mas a complexidade de suas emoções e a presença do gato preto sugerem uma faceta oculta que aguarda ser explorada. Essa dualidade é crucial para construir o mistério que envolve sua figura.

Como já mencionado anteriormente, o uso de recordatórios é predominante na obra, recurso utilizado que mantém uma maior aproximação ao texto adaptado, utilizando transcrições do conto. Contudo, algumas exceções a essa regra foram feitas pelo autor, conforme observamos na figura abaixo:

Figura 4 – A proposta de Raimundo Flamel



Fonte: Vilachã, F. S. Literatura brasileira em quadrinhos: A nova califórnia. Rio de Janeiro: Escala Educacional, 1995, p. 14

No decorrer da narrativa literária, Flamel nos é apresentado por meio de um narrador onisciente, que apresenta não apenas o alquimista, mas também a cidade de Tubiacanga e seus habitantes, revelando para o leitor as intenções secretas daqueles que habitam a cidade. O quadrinista mantém essa voz narrativa viva por meio dos recordatórios e dos balões, enquanto recursos narrativos. Desse modo, o leitor acompanha os movimentos do protagonista a partir da perspectiva desse narrador, que é interrompida em um momento muito importante na obra.

No conto, ao Raimundo visitar o farmacêutico para expor suas ideias, a interpretação ficava restrita ao que o narrador expunha, mas a linguagem quadrinística emancipa esse episódio sobretudo através da visualidade, pois "o leitor pode saber quem são as personagens antes mesmo de ler a linguagem verbal. Nas histórias em quadrinhos a anatomia expressiva ressalta tonalidades, ações e personalidades" (Pessoa, 2016, p.42).

É por meio dos balões de fala que Flamel, pela primeira vez, estabelece um diálogo direto com outro personagem na história. Diante disso, ele expressa suas ideias e intenções, revelando ao leitor um pouco mais da dualidade entre sua face oculta e sua postura como um homem da alquimia, e para alcançar tal fim a introdução do discurso via balões torna-se, portanto, indispensável.

A sua expressão, frequentemente séria e contida, transmite uma postura de segurança e autoritarismo. Nas interações sociais, especialmente em momentos de afeto com crianças, seu semblante fica mais leve, indicando um lado acessível e simpático. Porém, em contextos mais sérios, sua postura se torna calculista, como se estivesse sempre avaliando a situação ao seu redor. Uma cena marcante ocorre na página 17, quando três homens respeitáveis visitam seu laboratório. Cercado por equipamentos químicos, Flamel exala a imagem de um cientista, mas o avistamento de barras de ouro em prateleiras, ocultas de olhos curiosos, insinua que suas atividades vão além da pura ciência. Isso sugere uma ligação entre seu trabalho e aspectos materiais, levantando questões éticas em sua busca pelo conhecimento.

As ilustrações instigam o leitor a refletir sobre a verdadeira natureza do personagem, insinuando que sua aparência de "sábio" pode esconder segredos obscuros. A ausência do gato preto em certos momentos narrativos pode sugerir que o personagem está sendo examinado pela sociedade, enquanto sua verdadeira essência permanece oculta nas sombras.

Em sua última aparição, o gato surge no telhado como se observasse a cidade de lá. É importante observarmos que na primeira vinheta os personagens caminham até a casa de Flamel durante o dia, sob o céu que transita do azulado para amarelo, indicando uma passagem de tempo. Quando a casa aparece, o céu adquire uma cor rosa, que converge com roxo, indicando o pôr do sol. Uma nova transição ocorre: a cena se volta para o gato e a cor azul em um tom mais escuro toma conta, indicando a chegada da noite, em uma tonalidade que representa o mistério que paira no ar. Na última vinheta, a lua aparece centralizada,

indicando que a noite atingiu o seu pico, e nesse momento se intala a hora do sobrenatural, trazendo mais uma vez o elemento místico à tona.

Figura 5 – A última aparição de Raimundo Flamel



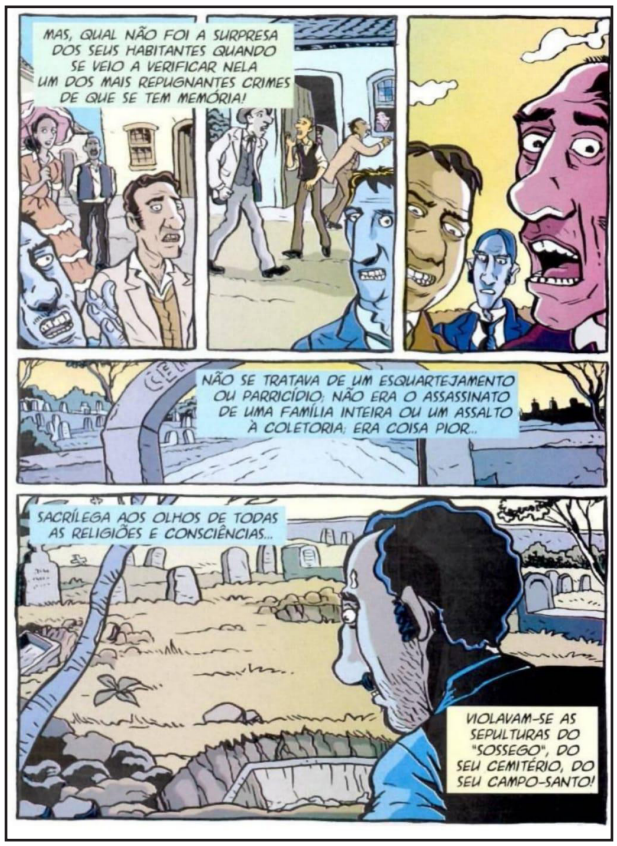
Fonte: Vilachã, F. S. Literatura brasileira em quadrinhos: A nova Califórnia. Rio de Janeiro: Escala Educacional, 1995, p. 17

Tubiacanga era uma cidade pacata, conhecida por seus moradores como um local pacífico e onde não havia furtos, e o único crime registrado tinha sido um assassinato motivado por brigas eleitorais de partidos opostos. No entanto, esse é um fato que não surpreende a cidade, pois, levando em consideração o panorama brasileiro da época, a narrativa tematiza uma crítica a algo que não deveria ser aceito, mas é tratado com naturalidade pela sociedade, que segue a vida normalmente como se nada tivesse acontecido. No entanto, um fato específico choca os moradores.

Nas três primeiras vinhetas percebemos o momento em que se espalha um burburinho de que algo estranho estava acontecendo na cidade. Os personagens aparecem assustados, demonstrando choque e pavor, e as cores utilizadas também chamam a atenção: alguns aparecem em um tom de azul, que na pele dos personagens pode ser associado à falta de oxigênio ou à morte, e essa tonalidade retorna na quarta vinheta, que apresenta ao leitor o cemitério, um lugar que deveria ser de paz dos mortos, mas que estava se tornando um local de profanação. A escolha cromática não acontece só pela estética, tendo em vista que “a abordagem teórica é feita de um ponto de vista linguístico-textual, que investiga a presença

de diferentes signos (verbais e visuais) no mecanismo que leva o leitor a produzir coerência dentro de um processo sociocognitivo interacional" (Ramos, 2009, p. 14).

Figura 6 – A profanação das sepulturas



Fonte: Vilachã, F. S. Literatura brasileira em quadrinhos: A nova califórnia. Rio de Janeiro: Escala Educacional, 1995, p. 20

Um outro personagem aparece com uma tonalidade arroxeada, cor que também possui um vínculo com a morte, especificamente com o luto. A cor amarela também se destaca estabelecendo uma conexão com a morte, principalmente no âmbito da disputa pelo ouro. Nas superstições teatrais que se relacionam a peças medievais, a cor amarela indicava azar ou espíritos malignos, e em outras culturas a decadência e a morte física. Todos esses elementos convergem com a quinta vinheta, que mostra a violação dos túmulos como um indicativo de que a morte está sendo anunciada a todo momento.

Essas cores passam a tomar conta das demais páginas da HQ, juntamente com a cor vermelha, que no contexto da obra pode ser relacionado ao sangue, enquanto o preto pode ser associado culturalmente a algo sombrio, oculto. Passamos então a acompanhar a cidade de Tubiacanga ser invadida pela sombra do medo, a partir das profanações aos túmulos do cemitério. O principal objetivo da cidade era fazer com que o culpado aparecesse, já que o furto dos ossos perturbava toda a população.

Nesse contexto, a história nos apresenta uma gama de personagens, incluído Cora, uma mulher que tinha o sonho de se casar com um homem rico, e por isso desdenhava e rejeitava todos os outros da cidade. No entanto, vê uma sombra cair sob o seu futuro com roubo dos ossos, já que algo maior tomou a atenção da cidade. Na terceira e quarta vinheta percebemos a personificação da morte, que se faz apresenta como onipotente, mas o que de fato chama a atenção é como ela é representada: a capa preta e a foice como características das construções culturais mais comuns: a ceifadora, a figura sombria, quase espectral.

Segundo Alves (2023, p. 78) "O fato de a Morte ser personificada seja em qualquer forma, saindo de um estado físico de não vida e ganhando uma persona, já seria motivo de considerar uma personagem desse universo do insólito", ou seja, do incomum. A representação da morte como a ceifadora se popularizou no século XIV, no contexto medieval. O homem do medievo, assim como qualquer outro, temia a morte, principalmente quando se leva em consideração o contexto da Peste Negra. O cenário de mortalidade assolou a população da época e moldou noções particulares de como a finitude da vida é vista. Nesse sentido, "a visão da morte e o que aparece de mais temido está ligado ao contexto histórico e sociocultural do período" (Sousa, 2017, p. 134) em que se situa.

Figura 7 – A morte onipotente



Fonte: VILACHÃ, F. S. Literatura brasileira em quadrinhos: A nova califórnia. Rio de Janeiro: Escala Educacional, 1995, p. 3

A representação enquanto feminina e ceifadora constitui um tropo recorrente na literatura e nas mais diversas expressões artísticas, como cinema, história em quadrinhos,

teatro etc. Essa manifestação pode ser observada desde às construções estrangeiras (como a Morte presente nas HQs de Sandman, de Neil Gaiman), quanto às construções da cultura de massa nacional, como a Dona Morte, do Mauricio de Sousa, que aparece pela primeira vez em 1983, para citarmos apenas dois exemplos. Nesse sentido, "[...] a Morte como personagem é um retrato de seu tempo, da sua sociedade e da sua cultura" (Alves, 2023, p.79).

Assim, essa personagem na adaptação de "A nova Califórnia" também é representada por uma figura feminina, grotesca e com unhas em formato de garras. A figura sempre impõe respeito, e ao mesmo tempo causa fascínio, pois muitos a temem e fogem dela, enquanto outros a procuram a todo custo. Na obra, está a todo momento sendo anunciada, esperando apenas o momento certo para ceifar algumas vidas.

A foice pode representar a colheita de almas, e, convergindo com a capa preta, a figura parece algo inevitável. Segundo Ramos (2009), para compreendermos os elementos dispostos na HQ precisamos fazer uma leitura atenta do que está sendo narrado textual e visualmente, pois "[...] ler quadrinhos é ler sua linguagem, tanto em seu aspecto verbal quanto visual (ou não verbal). A expectativa é que a leitura da obra e dos quadrinhos ajude a observar essa rica linguagem de um outro ponto de vista, mais crítico e fundamentado" (Ramos, 2009, p. 14).

Tomar o personagem de Raimundo Flamel como um alquimista sábio contribui para fomentar a ideia de uma ciência ilusória, que apresenta um caminho fácil para a riqueza, conduzindo o povo de Tubiacanga a uma loucura desenfreada na corrida pelo ouro e que resulta em uma sequência de ações macabras, nas quais os moradores da cidade desenterram os mortos, profanando os túmulos durante a noite, momento em que a cidade se encontra na mais profunda escuridão.

Os mortos eram poucos e a ganância era muita, e o povo da cidade começa a se digladiar, e ao amanhecer só restaram os mortos. A figura de Flamel surgiu na cidade como uma sombra, um presságio, anunciando a todo momento que a sua alquimia é um prenúncio da morte, que no fim acaba cobrindo a cidade com a sua escuridão e levou Tubiacanga e seu povo à ruína, tal qual a peste negra.

Após a confusão no cemitério, o personagem desaparece misteriosamente e sem nunca ter revelado a fórmula química, deixando um mistério no ar, após desencadear a avareza dos habitantes da cidade. O desfecho da trama expõe de forma incisiva a crítica de Lima Barreto à ganância e à futilidade das pessoas, demonstrando que os valores morais e éticos são abandonados com rapidez diante da ambição humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conto de Lima Barreto promove críticas à sociedade da época, marcada pela urbanização e os ideais de progresso, que trouxe esperança e caos, o que reflete na sociedade atual e tem suas referências captadas na adaptação. A HQ se destaca através da visualidade, que expande o contar da narrativa ao trazer elementos ilustrativos e cores que nos levam a visualizar o dualismo relacionado à representação do personagem analisado.

A adaptação de "A nova Califórnia" reafirma a HQ como obra autônoma e referencial ao texto literário. As ilustrações apresentam outra perspectiva, presente nas vinhetas que se apropriam da linguagem visual para enriquecer a narrativa verbal e aprofundar suas temáticas, fazendo com que a história ganhe novas dimensões, especialmente a apresentação dos personagens e a crítica social exposta, sobretudo através da figura de Raimundo Flamel. A versão em HQ se apropria da intermidialidade para transformar o conto em uma experiência visual única e distintiva do texto original, que se estrutura para além de uma mera descrição do conto ao utilizar elementos visuais para aprofundar vários momentos da narrativa através da linguagem quadrinística.

Flamel aparece como grande alquimista, um tanto sério e que chama a atenção do povo da cidade de Tubiacanga. Mas apesar de ser um homem da ciência existe uma estranheza que o permeia, ao passo que a sua relação com o misticismo, representada por elementos como o forno e o caldeirão, assim como o gato preto, são associados à feitiçaria. As cores utilizadas pelo quadrinista são sempre em tons que agregam um ar de mistério ao personagem, levando à interpretação de um caráter duvidoso, construindo-o como um grande presságio da morte.

Concluímos que ao adaptar esse clássico da literatura brasileira, a HQ traz elementos que ajudam a ressignificar e expandir a obra e principalmente a conquistar outros públicos, além de permitir que a crítica tecida por Lima Barreto na obra literária seja reinterpretada através de uma nova roupagem e dialogue com situações do Brasil atual, ampliada e potencializada pela linguagem quadrinística.

REFERÊNCIAS

ALVES, Thiago Henrique Gonçalves. A personagem Morte em histórias em quadrinhos: intertextos entre Sandman e as intermitências da Morte. **INSÓLITA-Revista Brasileira de Estudos Interdisciplinares do Insólito, da Fantasia e do Imaginário**, v. 3, n. 2, p. 70-84, 2023.

BARRETO, Lima. **A nova Califórnia**. Adaptação em quadrinhos por Francisco S. Vilanchã. São Paulo: Editora Escala Educacional, 1995.

CHAFFIN, Benjamin. O progresso como disrupção social em O alienista de Machado de Assis e A nova Califórnia de Lima Barreto. **Leitura**, Maceió, n. 68, p. 391-405, jan./abr. 2021. ISSN 2317-9945.

EISNER, W. **Quadrinhos e arte sequencial**: Princípios e Práticas do Lendário Cartunista. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. 2. ed. Tradução André Cechínel. Florianópolis: ed. da UFSC, 2013.

MÜLLER, J. E. Intermidialidade revisitada: algumas reflexões sobre os principios básicos desse conceito. In: DINIZ, T. F. N.; VIEIRA, A. S. **Intermidialidade e estudos interartes**: desafios da arte contemporânea v. 2. Belo Horizonte: Rona Editora, 2012. p. 75-95.

PESSOA, Alberto Ricardo. **A linguagem das histórias em quadrinhos:** definições, elementos e gêneros. João Pessoa: Editora da UFPB, 2016.

PINA, Patrícia Kátia da Costa. **A literatura em quadrinhos**: formando leitores hoje. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2014.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2009.

SANTOS, Pamella Silva Soares dos. **A narrativa como elemento de estruturação do quadrinho Daytripper, de Moon e Bá.** 2019. 37 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) - Departamento de Letras, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2019.

SOUSA, Kerlys Santos de. As representações da morte na iconografia e na literatura dos séculos XIV e XV. **Mythos**: revista de história antiga e medieval, Imperatriz, v. 2, n. 1, p. 124-137, jan. 2017.

VILACHÃ, F. S. **Literatura brasileira em quadrinhos**: A nova Califórnia. Rio de Janeiro: Escala Educacional, 1995.

Sobre o autor:

Bruno Santos Melo

Professor substituto de Literatura de Língua Portuguesa e Teoria Literária na FALLA (Faculdade de Linguística, Letras e Artes), da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Doutor e pós-doutorando no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba (FALLA/PPGLI), com apoio da FAPESQ.
https://orcid.org/0000-0001-5563-5079 • bsantosletras@gmail.com

Maria Clara Tavares da Silva

Graduanda em Letras Português pela Universidade Estadual da Paraíba.
https://orcid.org/0009-0006-9653-2993 • maria.clara.tavares@aluno.uepb.edu.br

Rosimere Quirino da Silva

Graduanda em Letras Português pela Universidade Estadual da Paraíba.
https://orcid.org/0009-0003-6125-547X • rosimere.quirino@aluno.uepb.edu.br

Conflito de Interesse

Os autores declararam não haver conflito de interesses.

Verificação de Plágio

A revista mantém a prática de submeter todos os documentos aprovados para publicação à verificação de plágio, utilizando ferramentas específicas, como Turnitin.

Editores convidados

Maria Clara da Silva Ramos Carneiro
Lielson Zeni
Valter do Carmo Moreira

Editor - chefe

Régis Augustus Bars Closel

Como citar este artigo

MELO, B. S.; SILVA, M. C. T.; SILVA, R. Q. À sombra da alquimia: uma análise do personagem Raimundo Flamel na adaptação quadrinística de “A Nova Califórnia”, de Lima Barreto. **Letras**, v. 35, n. 74, e95691, 2026. DOI: 10.5902/2316882X95691. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/95691. Acesso em: XX/XX/XXXX